

QUANDO EU ERA PEQUENO, QUERIA SER...

Quando eu era pequenino, **entusiasmava-me** com facilidade com qualquer profissão que lia nos livros ou via na televisão. Tudo me parecia interessante! Julgo que a profissão que **persistiu** mais tempo na minha memória e nos meus interesses foi a de jornalista, porque **implicava** estar na rua em reportagem, falar com pessoas e escrever. Durante uns anos, fiz até um jornal – com mais curiosidades do que atualidades – que fotocopiava e vendia de porta em porta. **Pesquisava** assuntos na enciclopédia, fazia as minhas próprias ilustrações, escrevia os textos com a máquina de escrever do meu pai (sem a autorização dele) e compunha as páginas, recortando e colando. Pelo que me lembro, nenhuma edição deu **lucro**, mas deu-me muita alegria fazê-lo.

Já crescido, estudei jornalismo na universidade e trabalhei alguns anos como jornalista na rádio.

Sérgio, Consultor de Comunicação

Quando eu era pequenina e me perguntavam o que queria ser quando fosse grande, punha os braços atrás das costas, **erguia** a cabeça e dizia com um ar determinado:

- *Oprista.*

- *Oprista?! – admiravam-se todos. Os mais sensatos ainda **hesitavam**, mas rematavam o assunto com um “sim senhora, muito bem” e deixavam cair o tema. Os mais **afoitos**, intrigados com a minha misteriosa escolha de profissão, atreviam-se a perguntar:*

- *Oprista? E o que é isso?*

- *São aquelas senhoras que cantam assim... – e lançava-me numa **ária** desgovernada, um misto **esganiçado** de “Papagaio Louro” e “Pombinhas da Catrina”, capaz de causar danos ao ouvido mais **empedernido**.*

- *Ah, queres ser cantora lírica! – diziam-me invariavelmente.*

- *Sim, oprista.*

E fugia porta fora. Hoje sou tradutora. Canto no duche e às vezes cantarolo ao passear o cão. Será que passei ao lado de uma grande carreira?

Ana, tradutora

Tanto quanto me lembro, quando era pequeno, eu não queria ser nada. Mas como a minha memória nunca foi boa, e vai de mal a pior, perguntei à minha mãe:

- Oh mãe, tu lembras-te o que é que eu queria ser quando fosse grande?

Ao que ela respondeu:

- Tu não querias ser nada, filho. Tu, ao contrário do teu irmão, não querias ser nada.

De onde se **infere** que eu é que estava certo. Este desejo de querer ser alguma coisa muda muito com o tempo. E até mesmo aqueles que têm a sua profissão de sonho estão regularmente a dizer: “Não me **apetece** fazer nada!”

Vítor, ourives

Quando eu era pequenino, recordo-me de querer ser um dia mais tarde professor. No início queria ser professor numa escola primária. Anos depois percebi que o que eu queria mesmo era ser professor na universidade. Quando acabei a faculdade, o que queria era continuar a estudar e a aprender coisas novas todos os anos! Ainda estudei muitos anos depois de ter terminado o curso, mas não sou professor. Gosto muito de ensinar as coisas que sei fazer, talvez porque, quando se ensina, também se aprendem novas coisas. E aprender é algo que fazemos toda a nossa vida!

Joaquim, antropólogo

Quando era pequeno, queria ser agricultor e criador de animais. Quando comecei a andar, acompanhava todas as manhãs a minha avó até uma quinta com vários animais e com as vacas que produziam o leite do nosso pequeno-almoço. Nessa altura ainda não existiam todas as variedades de leite como agora. Era apenas o leite das vacas da quinta que eu via da minha janela, no alto do sétimo andar, e que comiam ervas e flores. Ao voltar do passeio matinal, a avó fervia o leite num púcaro, com um peso metálico no fundo que impedia que ele levantasse fervura muito rápido e transbordasse para o fogão. Ah, e, ao arrefecer, esse leite deixava sempre uma nata de que eu não gostava. Mas como gostava muito do passeio desde a minha casa até à quinta, e de ver os animais e plantas, queria também eu mais tarde ter uma quinta para ter o meu leite e vendê-lo às avós dos outros meninos.

Ricardo, arquiteto